



Plataformização, infância e conhecimento: reflexões sobre o impacto digital no cotidiano

Platformization, childhood and knowledge: reflections on the digital impact on daily life

Thiago Ribeiro Alves

Doutorando em educação PPGE/UFSC
- Núcleo de Infância, Comunicação,
Cultura e Arte (NICA). Professor Auxiliar
de Tecnologia Educacional PMF/SC.
Brasil.

thiago.ribeiro@prof.pmf.sc.gov.br

Introdução

Este trabalho propõe uma discussão teórica com o objetivo de refletir sobre as implicações provocadas pelo fenômeno da plataformação e dataficação da vida na produção, acesso e compartilhamento do conhecimento. Colocando o foco na infância, o texto discute como as plataformas digitais ampliam o mundo conhecido pelas crianças, interligando experiências reais e mediadas pela mídia. A plataformação é entendida como um fenômeno que redefine a experiência do corpo, do espaço e do tempo, criando um ambiente onde a vida cotidiana é mediada por dados e algoritmos, alterando a percepção humana e levando a uma crescente perda de controle sobre a própria subjetividade. A infância, especialmente, é vista como um campo de ação de poder, onde as tecnologias moldam não apenas o aprendizado, mas também a subjetividade das crianças, reduzindo suas possibilidades criativas e de liberdade.

Desse modo, a problemática que guia o texto está na reflexão central de que, embora as plataformas digitais ampliem as possibilidades de interação e aprendizado, elas também impõem desafios significativos à liberdade individual e à diversidade de experiências. Assim, propõe uma reflexão interdisciplinar sobre as formas de expressão e a importância da arte como meio de resistir à homogeneização das experiências proporcionadas pelas tecnologias digitais.

"Isso é a guerra?"

Foi Pedro, 7 anos, quem elaborou a pergunta que abre este artigo. A curiosidade veio enquanto brincávamos

no quintal, ao ouvir uma salva de fogos de artifício disparados por algum vizinho. Imediatamente me recordei das inúmeras imagens, vídeos e manchetes que tomaram conta dos noticiários daquela semana. Foi impossível evitar que informações audiovisuais do genocídio étnico em andamento na Faixa de Gaza chegassem até Pedro. Não que eu tenha me dedicado a impedir tal contato, porém, julgo não ser esse o tipo de informação "incentivável" para uma criança. Expliquei que vivíamos em um país sem guerras¹, o que pareceu suficiente naquele momento. Momento que ficou latente em mim. Fiquei pensando até que ponto o uso de plataformas digitais é capaz de ampliar o mundo conhecido da criança?

Seymour Papert (2008) usa o termo "imediatismo ampliado", para discorrer sobre a possibilidade do uso dos computadores por crianças para, entre outras coisas, pesquisarem conhecimento, ampliando seu contato imediato com o conhecimento produzido pela humanidade. O ocorrido no meu quintal provocou reflexões, agitando congruências que havia estabelecido com as ideias do referido autor. Na década de 90, quando Seymour Papert cunhou o conceito de "imediatismo ampliado", o fenômeno de plataformação era incipiente. Hoje, as plataformas digitais redefinem freneticamente tudo o que nos era familiar, "...antes mesmo de termos tido a chance de ponderar e decidir sobre a situação" (ZUBOFF, 2020, p. 19). Nas palavras de Sibília

¹ Tomando aqui um conceito bastante raso para a palavra "guerra", considerando somente as guerras declaradas como conflitos bélicos entre nações.

(2020, p.13-14), “as transformações [que vivenciamos na atualidade] não são apenas inéditas, mas ocorrem com muita pressa”. Presenciamos a “evolução pós-humana” ou “pós-evolução”, um tipo de evolução que não seria mais natural, porém artificial (SIBILIA, 2020).

Apremissa de que o mundo conhecido se amplia com as tecnologias e plataformas digitais, permite classificar/diferenciar o tipo de conhecimento de mundo adquirido nesse cenário. Têm-se assim, o mundo conhecido por descoberta – aquele que se torna conhecido com o contato direto da criança com as experiências, “um aprendizado advindo da fricção com a natureza” (KRENAK, 2022) – e o mundo apresentado por intermediadores – por meio do imediatismo ampliado oportunizado pelas tecnologias digitais. Nesse sentido, Mills (2009, p. 66), afirma que vivemos em um mundo de segunda mão pois, “as imagens que temos desse mundo e de nós mesmos nos são dadas por multidões de testemunhas que nunca conhecemos e nunca iremos conhecer. [...] Temos conhecimento de muito mais do que nós mesmos experimentamos”. No atual contexto de “confinamento da infância” (FANTIN, 2006, p. 54), onde “novas formas de vida social se desenvolvem, mobilizando mais a mente do que o corpo” (BELONNI, 2001, p.7 apud FANTIN, 2006, p.61), reduz-se o primeiro – o mundo conhecido por descoberta – enquanto alarga-se o segundo – o mundo apresentado. Nisso, a ressalva de que “é preciso olhar e tocar para além dos comandos das teclas e telas reais e virtuais” (FANTIN, 2006, p.61) revigora sua pertinência.

No caso, Pedro relacionou o que escutou no quintal com cenas que havia guardado na memória. Misturando um mundo conhecido por descoberta com um mundo conhecido por intermediadores midiáticos. Pedro, desconhecendo o distanciamento espacial do nosso quintal até a Faixa de Gaza, foi capaz de relacionar o som de fogos de artifício com bombas militares que nunca escutou – a não ser talvez por intermédio das mídias digitais. O que uma criança sente quando vê cenas de escolas bombardeadas? De crianças sendo socorridas em escombros de hospitais? Será que se sente seguro na escola?

Plataformização e infância: atmosfera e respiração

Não tenho peso nem dimensão em qualquer sentido exato, sou medido pela minha conectividade. (SIBILIA, 2020, p.66).

O cenário exposto exalta a afirmação de que “a criança (e não só ela) pensa com o corpo inteiro, que ela tem inúmeras possibilidades de ver, escutar, compreender e inventar, e que através de sua imaginação é capaz de unir fantasia e realidade (FANTIN, 2006, p. 297). Essa “interconexão de sentidos que tem no corpo o ponto de encontro do sujeito com o mundo” não desaparece no digital, pelo contrário, é intensificada na medida que as múltiplas linguagens se manifestam envolvendo as crianças não só em pensamento, “mas a totalidade corporal que elas são” (GIRARDELLO, FANTIN e SANTOS PEREIRA, 2021, p. 40).

“Na era da cibercultura o corpo é pura informação. [...] Podemos dizer que após a colonização externa do mundo pelas tecnologias industriais e informacionais é agora o corpo que se transforma em objeto de intervenção” (LEMO, 2003, p. 17). Diante das transformações sociais oportunizadas pela plataforma, “o corpo humano, em sua antiga configuração biológica, estaria se tornando ‘obsoleto’” e contempla a abolição das distâncias geográficas (SIBILIA, 2020, p.12).

Lemos (2003) afirma que as plataformas digitais promovem uma nova configuração espaço-temporal. Para ele, as mídias “...nos permitem escapar do constrangimento espaços-temporais” (LEMO, 2003, p. 13). A “transformação do mundo em dados binários” (LEMO, 2003, p. 12) vêm a reboque do “crescimento da virtualização do mundo” (LEMO, 2003, p. 14). Como consequência experimentamos alterações em “... nossa percepção espaço temporal, chegando na contemporaneidade a vivenciarmos uma sensação de tempo real imediato, ‘live’, e de abolição do espaço físico-geográfico” (LEMO, 2003, p. 13). No processo de “dataficação da vida” nossas ações, comportamentos, e todas as esferas da dimensão humana são processáveis em dados digitais, rastreáveis, quantificáveis, analisáveis, performativos (LEMO, 2021).

Em consoante, Sibilía (2020, p.66) afirma que:

...a virtualização do espaço se conjuga com um desdobramento da dimensão temporal: para especificar a simultaneidade de duas presenças que prescindem da materialidade da dimensão espacial, por exemplo, torna-se necessário acrescentar o adjetivo real ao substantivo tempo. Assim, o tempo real passou a nomear a versão digitalizada do aqui e agora da tradição analógica.

Nossa “presença virtual” expande enormemente certas capacidades de estar e agir no mundo. Na era digital, nos tornamos mais permeáveis, projetáveis, reprogramáveis. Ao mesmo tempo em que nos abre novas possibilidades de realização, a “algoritmização da vida” nos apresenta um grande problema, “a redução e submissão da criatividade, oscilação, afeto e liberdade humana à processos automatizados e mensuráveis” (FAUSTINO, 2023, p. 7). Nesse sentido, “...a convergência digital de todos os dados e de todas as tecnologias amplia ao infinito as possibilidades de rastreamento e colonização das pequenas práticas cotidianas.” (SIBILIA, 2020, p. 66). “Assistimos à uma transferência, cada vez maior, das escolhas humanas para processos automatizados e opacos de decisão e recomendação” (FAUSTINO, 2023, p. 6). Nesse sentido, “...as novas tecnologias não apenas incrementam nossas aptidões, mas também as moldam e nos dirigem com um propósito” (BRIDLE, 2019, p. 10).

As “entidades matemáticas automatizadas que objetivam escolhas humanas” (FAUSTINO, 2023, p.7) oferecem opacidade às relações sociais de poder implícitas nas tecnologias digitais. Descortinar as relações de poder engendradas pelas tecnologias de plataforma evidencia ainda a fragilidade destinada à posição dos usuários que, consciente ou inconscientemente produzem dados – e comportamentos – que são, por sua vez, apropriados como matéria prima principal pelas plataformas dominantes no capitalismo de vigilância (ZUBOF, 2020). Nossas tecnologias são cúmplices de um sistema econômico descontrolado que amplia o abismo entre ricos e pobres; o colapso do consenso político

e social em todo o globo, ascensão de nacionalismos, divisões sociais, conflitos étnicos e guerras (BRIDLE, 2019). Sibilia (2020, p. 51) denuncia que "...a meta do atual projeto tecnocientífico não consiste na melhoria das ainda miseráveis condições de vida da maioria dos seres humanos, nem sequer como uma tímida declaração de intenções". Para a autora, o modelo capitalista atual acompanha interesses de mercado, seguindo "...um impulso irrefreável para o domínio e a apropriação total da natureza, tanto exterior quanto interior ao corpo humano" (SIBILIA, 2020, p. 51). No contexto de contradições sociais, o virtual nunca foi tão real em suas consequências (EVANGELISTA, 2022). Nesse sentido, "a nuvem [uma grande metáfora das plataformas digitais] é uma relação de poder, e a maior parte das pessoas não está no alto" (BRIDLE, 2019, p. 16).

Na infância - entendida como o fundamento da vida (KRENAK, 2022) - a algoritmização da vida é convocada como aparato pedagógico adultocêntrico e acionada para moldar crianças já no primeiro período da vida. "Já vão podando espíritos que poderiam trazer muita novidade para a Terra. No lugar de produzir um futuro, a gente deveria recepcionar essa inventividade que chega através das novas pessoas. As crianças, em qualquer cultura, são portadoras de boas novas" (KRENAK, 2022, p. 100, grifo do autor). Ao invés de "colocar o coração no ritmo da terra" como sugere Krenak (2022, p. 118), estamos confiando à modelos matemáticos o leme do barco. Ignoramos a capacidade da infância como período de proposição de novas narrativas de mundo em prol da manutenção, cada vez mais automatizada, de uma mononarrativa dominante. "Em vez de as crianças o viverem [o período da infância] como um lugar folgado, já estão caindo nele como em uma chapa quente, em que se veem obrigadas a responder perguntas de um mundo em erosão" (KRENAK, 2022, p. 98). Sem perceber a infância como momento de receptividade de "seres ainda pousando na Terra" (KRENAK, 2022) nos apressamos em levar a atmosfera de um mundo em disputa - onde "só os paranóicos sobrevivem" (SIBILIA, 2020, p.30) - aos pulmões das crianças. Assistimos atônitos a "regulamentação do tempo de todas as criaturas humanas, desde o nascimento até a morte" (SIBILIA, 2020, p. 30).

Palavras-chave:

Plataformização. Infância. Conhecimento. Educação.

Keywords:

Platformization. Childhood. Knowledge. Education.

Referências

BRIDLE, J. A nova idade das trevas: a tecnologia e o fim do futuro. São Paulo: Todavia, 2019.

EVANGELISTA, R. Apresentação. In: BRASIL, C. G. D. I. N. Educação em um cenário de plataformação e de economia de dados: problemas e conceitos. São Paulo: [s.n.], 2022. p. 58.

FANTIN, M. Crianças, cinema e mídia-educação: olhares e experiências no Brasil e na Itália. UFSC. Florianópolis. 2006.

FAUSTINO, D. M. Que subjetividade é essa em tempos de colonialismo digital? In: LARA, L. D.; RODRIGUES DA CRUZ, L.; PASSOS, P. D. Digitalização da Vida e produção de subjetividades. Florianópolis: ABRAPSO, 2023.

GIRARDELLO, G.; FANTIN, M.; SANTOS PEREIRA, R. Crianças e Mídias: Três Polêmicas e Desafios Contemporâneos. CEDES, Campinas, 41, janeiro 2021. 33-43.

KRENAK, A. Futuro Ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LEMO, A. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMO, A.; CUNHA, P. Olhares sobre a Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LEMO, A. Dataficação da Vida. civitas, Porto Alegre, 2, agosto 2021.

MILLS, C. W. Sobre o Artesanato Intelectual e outros ensaios. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

PAPERT, S. A máquina da criança: repensando a escola na era da informática. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artmed, v. 1, 2008.

SIBILIA, P. O homem pós-orgânico: A alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. 2. ed. [S.l.]: Contra Ponto, 2020.

ZUBOFF, S. A era do capitalismo de vigilância. Tradução de George Schlesinger. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020. 800 p.